

# O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE SEMANALMENTE.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 1800 MENSAS.

Anno I.

Fortaleza — Quarta-feira, 16 de Janeiro de 1878.

N. 30

## O RETIRANTE.

FORTALEZA, 16 DE JANEIRO DE 1878.

Tombou para não mais levantar-se no occaso dos tempos o fatídico—1877. ....

E, surgiu fulgurante nos horizontes azuis da patria uma nova aurora..... e para a existencia jornalística do *Retirante* uma jucunda e auspiciosa epocha.

Na historia critico-politica do paiz será sempre uma pagina de ouro a sua rapida apparição.

Como tambem no meio do mais rijo soprar das borrhascas de todas as paixões ignobres de sordidos e vis interesses, que tinham por fim amordaçar os nobres impulsos do coração humano, o desabrochar de sua vida—é e será sempre um magnifico e grandioso espectáculo, a manifestação de uma lei de perfectibilidade, e a resolução exuberante de um trabalho morat.

E' uma reacção de equidade e ventura.

Sim, de reacção, por que é ella a associação amiga e secular do progresso e da civilisação, que, não tolera, nem pôde ver sem se lhe brilharem nos olhos chispas de fogo,—a consciencia individual e o pensamento torturados e incorrentados no goso de suas amplas liberdades.

Ella que não consente que se concetene cofin otupias sanguinarias—essas duas liberdades do verbo nelando das ruins predicas recheadas de falsidades e mentiras, nem que se lance anathemas fulminantes ao que lhe pôde dar—força, direito e razão.

E' por fim uma lição de alta metaphysica que approuve dar-nos a sabia e divina providencia quando em prol da humanidade soube collocar o antidoto à par do veneno, o bem à par do mal, a verdade à par do erro, e a virtude à par do vicio!....

Comprehendendo e abraçando estas grandes verdades, o *Retirante* retoma hoje com afan e denodo a sua marcha, e reiteira a profissão de seus principios, não obstante os dedalos e contrariedades que levantaram atrevadamente para embargar-lhe os passos, dos sacrifícios peniveis que hajam de custar-lhe, e dos golpes tremendos e titanicos dos seus mediocres antagonistas.

Ei-lo, pois, arriscando sem medo o pé na arena espaçosa do jornalismo, para lembrar aos povos, como um verdadeiro sacerdote, a sua alta e sublime missão—que é—rasgar e desvendar novos horizontes, e acender novas luzes que espanquem

as brumas do erro e da ignorancia que vão arranjando a sociedade no barathro profundo da perdição.

Ei-lo do cimo do pedestal da epocha e no meio das ondas dos acontecimentos para fulminar anathemas aos vicios e aos erros, condenar os desvairamentos da razão e da consciencia e espandir idéas de represão moral que exterminem e abafem essa activa frequencia de escandalos cynicos que os partidos desmoralizados e corruptos cream e justificam tornando-se solidarios com os que os praticam.

E como tambem para indicar que esta solidariedade excitada e açulada pelas veleidades orgulhosas e pelas justificações e aplausos geraes é que arvora os crimes em virtudes.

Pois que é um facto psychologico que a malicia e a perversão do espírito dos governantes hão de passar aos seus actos.

E' myster, portanto, se quizermos conduzir a sociedade ao templo mystico da paz e da felicidade pugnarmos sinceramente pelos seus direitos, fazendo-lhe em primeiro lugar conhecer—a verdadeira scienzia politica, que segundo Aristoteles, é—a doutrina dos primeiros principios directores do entendimento, de vontade e dos actos humanos, em ordem á satisfazer completamente as tendencias naturaes do homem para a sua conservação e ventura.

Isto posto diremos—não pôde a scienzia politica prescindir da moral ou d'ella separar-se como entendem alguns; porque julgamos impossivel scindir em duas a indivisivel personalidade humana.

Logo a distincção ilógica que ententam fazer entre a ordem politica e a ordem moral para declinarem da responsabilidade e para justificar as arbitrariedades e as violações dos deveres morais pela pessoa publica é—um absurdo inqualificavel.

Não ha no mundo um principio politico e outro moral, como muito bem notou um escriptor, aliás insuspeito; o principio moral existe só: domina e ordena todas as sciencias civis, as quaes abstrahindo-se e destacando-se d'elle não passam de meras expressões e tristes aspetos do direito universal.

Os factos politicos na realidade se vinculam aos ultimos fins sociaes... por isto uma só e unica lei suprema governa e abraça todos, lei de summa transcendencia, de sabedoria, de bondade infinita, lei moral absoluta.

« Politica sem moral é o—utilitarismo,

é o puro machiavellismo, (ou antes phronemismo) é a astúcia e não a arte de aperfeiçoar e tornar felizes os cidadãos, é enfim a arma sophistica dos tyrannos. »

« A politica n'este seculo, diz V. Hugo, deve tambem e pôde ter sua fé santa, sua fé util e crer na patria, na intelligencia e na liberdade. »

Por consequencia o que n'este momento convém em presença da dubiedade e inquietação em que se acham os espíritos, não são—hypocrisias, mentiras, utopias e idealidades politicas, nem liberdade em theories, nem estes laivos de syndicancia na pratica, não! O que convém n'estas incertezas em que estão os animos—é um grande exemplo do alto, é sobre tudo no governo de hoje a elevada e soberba prática da verdade e da justiça.

Porque, a razão summa do estado, o fim ultimo das sociedades politicas é a—justiça. O que deu lugar a Hume dizer: que devemos considerar o vasto apparelho do governo, como não tendo em definitivo outro fim sinão a distribuição da justiça. E isto é óbvio e intuitivo.

Porque, se todos os individuos attenedessem a sagrada voz do dever, se cada um circunscrevendo o exercicio da sua actividade e dentro de justos terminos não se abalancasse além da sua esphera para ir estorvar o desenvolvimento do seu semelhante atacando-lhe a liberdade, e esbulhando os direitos, o estado não perderia a sua principal razão de ser, nem a fé e moral publicas seriam violadas e repellidas para ceder campo ás trevas do saber humano, e do frio glacial das suas loucas appetências.

Mas desgraçadamente assim não acontece.

Salteado pelo arremetimento das paixões, o homem em sociabilidade, substitue o interesse ao dever, o direito á força, a verdade das cousas pelos preconceitos de individuo, e então a sociedade apresenta, o que é actualmente, um deplorável e espantoso panorama, repleto de scenas horripilantes de confusões e desordens permanentes.

E assim que pensam os homens de coração nobre, de consciencia incorruptível e de intelligencia lucida, quando se fazem Socrates ou Aristides, e nunca Augustos ou Scylla.

E o governo que tambem devia pensar assim, sómente na hora do perigo é que se lembra dos homens aptos e capazes, e in-

felismente não os encontra. A influencia moral, que perdera nos dias que lhe pareceram fáceis, e que unica o corroborava e o estreia, não lhe renasce porque tem razão e direitos contra os seus adversários.

Quando se sabe que um governo é fraco, ai d'ele, por que o povo prefere sempre o despotismo à fraqueza.

Mais poderosas que as oposições materiais, são as oposições morais. Vão-se estas infiltrando por toda a parte. Findam e morrem com uma batalha as desordens e a guerra civil. Levantam aquellas à cada passo inúmeras dificuldades para o poder, e arrostam em sim as forças da sociedade para uma interminável luta, da qual resulta a anarchia com todos os seus horrores ! ...

E o Retirante conhecendo isto fará timbre de se collocar de pé sempre sobre as barricadas do pensamento, para se oppor impavida e desassombradamente aos odios do poder, e as metralhadas dos partidos polluidos.

Conhece isto, repetimos.... e eis por que forcejará por fazer assentar o poder sobre a mesma base que a liberdade, isto é, sobre o direito; subordinando a força à inteligencia, o despotismo à autoridade; fazendo da ordem a lei dos cidadãos, e da paz a lei das nações—verdadeiras bases da confraternização universal.

#### O commercio do Ceará e o governo.

Fechou-se a ultima via respiratoria da província do Ceará.

A' inepta administração de um parvo, sucede-se a nefasta administração d'un perverso !

O commercio, esse poderoso elemento civilizador, essa nau que conduz d'um a outro canto do mundo as artes e as sciencias, estacou para o Ceará !

Assim devia ser. Já que a natureza ergue o seu alfange sobre esta desditsa província não é muito que a mão sacrilega do homem venha compartilhar da grande missão devastadora.

Tudo jazia arquejante; só o commercio, a ultima arteria que cessa de bater, ia-se, a passo lento e vacillante, condusindo por caminhos invios e escabrosos. Era preciso cortar à província o unico elemento de vida que lhe restava. Eis a nobilissima missão para que foi escolhido o Sr. conselheiro Aguiar, o mais digno representante do Sr. Cotelipe.

Quizemos crer que o nobre conselheiro, ao assumir as redeas do governo provincial em una época em que só se podia esperar, mesmo d'um coração petrificado, dedicação e denodo, viesse disposto a salvar uma população que se via açoitada pela miseria. A essa eréca nos induzia a filialicia do S. Exc. quando afirmava publicamente que reunia em si as sete pastas do estado. Muito mais se robusteciam as nossas esperanças quando, diante das victimas, viam-se S. Exc. baixar a fronte, como que procurando misturar as suas lagrimas com as lagrimas dos famintos.

Illusão ! Tudo impostura ! tudo hypocrisia ! tudo escarneio ! Não somos nós que o dizemos, dizem-n'os os factos.

Durante a administração esbanjadora do Sr. Estellita, pequeno, quasi nullo, foi o numero de victimas da fame n'esta capital. Durante o pequeno reinado do Sr. Aguiar, do senhor das sete pastas *cotelipas*, (tantas quantas eram precisas para salear a melindrosa situação...) as mortes contam-se aos centos ! Os proprios degraus de seu palacio tiveram servido de leito de agonia á muitos infelizes que ali exalam o ultimo suspiro !

A fabricação de barracas, no que o Sr. Estellita era tão afenso, foi imediatamente suspensa por S. Exc. o Sr. Aguiar. O Sr. conselheiro queria representar uma nova scena comica; queria, depois de uma noite de copiosa chuva, andar de porta em porta, de chapéu na mão pedindo aguinalho para os pobres retirantes, que tinham por asilo o ar livre !

S. Exc. devia prever que algum dia terriamos chuva; mas precisava provar que era comediano projecto, que conversava com Talma.

Assim se escarnece da desgraça !

Mas, em que consiste a morte do commercio ? Numa simples *cotelipada* de S. Exc.

Não existe sombra de duvida ácerca do vasto plano architectado pelo illustre professor. Os papalvos que, como nós, quizeram dar credito ao dominio das *sete pastas* para salvar a crise, ficaram desilludidos logo que se tornou notoria a grande operação commercial de S. Exc.

O contracto *liveramentino*, de 50 mil volumes de generos alimenticios, foi o primeiro golpe descarregado pelo *assido* administrador sobre o pobre commercio do Ceará. E' isto, ao que se affirma, o preludio de uma grande serie de operações !

Eis tudo; eis o golpe mortífero do commercio, a que deu aso uma immoralidade inaudita !

E' impossivel a justificação do Sr. Aguiar.

A quem no objectasse que S. Exc. procurou fugir á usura do commercio do Ceará, como o affirmam os seus aulicos, responderíamos que a usura sempre apresenta-se quando se dá a procura do genero : isto sucede no Ceará ou em Pernambuco, na Cochinchina ou no Japão.

O Sr. Aguiar singe desconhecer que é a concurrencia que estabelece o preço. Convinha-lhe despresar o commercio da nossa praça para ir suprir-se, não nos mercados primitivos, mas nos mercados importadores como o do Ceará : contracta em Pernambuco—farinha de Santa Catharina, carne do Rio Grande do Sul e Rio da Prata, arroz da India a 3\$200 quando aqui se vendia a 2\$700 por arroba etc. etc.; nem um só artigo de produção d'aquelle província !

O que vemos agora ? Os armazens particulares atulhados de generos, deteriorando-se á falta de consumo; o governo comprando em Pernambuco o que n'esta praça lhe custariam muito menos.

Mas porque não ha de ser assim ? Aou-

de está estabelecida a commandita—Livramento, Aguiar & C. ? Voltaremos ao assumpto.

#### NOTICIARIO.

**Denuncia.**—Perante o presidente da província e pelo inspecto de estatística do abarracamento do calcamento, Ismael Marinho Falcão, foi denunciado o respectivo commissario Pedro José da Costa, mais conhecido por *Pedoea*, que, irregularmente, tem mandado receber importâncias de cartões por seu ordenança, filhos e famulos de sua casa, e outros factos escandalosos que muito depõem contra o feliz commissario.

Além d'isto, consta que está formando uma *caixa de amortisação* para socorros aos retirantes, os quais contribuem, contra sua vontade, com metade da quantia que recebem semanalmente.

No entanto, o Sr. Aguiar ainda conserva n'esse lugar aquelle protegido do Sr. tenente Sampaio, que, segundo dizem, tem parte em tuas espertezas.

A' bem da moralidade publica e dos infelizes retirantes pedimos a S. Exc. a exoneração d'esse *Cotelipe*.

**Accusações.**—Duras e pesadas acusações nos tem sido feitas estes ultimos dias contra o commissario Joaquim Domingues, pelo modo deshumano por que está S. S. procedendo para com os infelizes retirantes de seu abarracamento.

Uma retirante, que se nos queixou ante-hontem, disse que não cessa de pedir a Deus que semelhante *pesto* seja substituido por um homem que tenha compaixão da pobreza.

Vamos fazer indagações a respeito para voltarmos então ao assumpto.

#### LITTERATURA.

##### A caridade.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus.

E' uma festa sublime  
A festa da caridade !  
Negr-lhe o obolo é crime  
Que envergonha a humanidade !  
Quem estende a mão amiga,  
De porta em porta mendiga  
Para os pobres consolar  
Abre ás virtudes o peito,  
Cumpre de Christo o preceito,  
Faz de um theatro—um altar !

Ha muitas lendas sombrias  
Da humanidade no seio;  
Ha bem fundadas agonias  
Dos riscos por entre o meio:  
A infancia, pobre, esquecida,  
Ainda se arrasta illudida,  
Da ignorancia ao grilhão;  
E, em misera orphandade,  
Não tem a luz da verdade  
Que lhe esclareça a razão !

Não tem que o corvo sangrento  
Que Roma aos povos envia,  
N'aquellas almas—sedento  
Aferra a garra bravia !  
E as pobres, tristes creanças  
Que, aos risos das esperanças,  
Vieram do mundo à luz,  
Nas trevas submersas  
As almas sentam perdidas,  
E os membros conservam nus.

Chora a viúva, coitada !  
E chora a mingua de pão;  
Na miseria que degrada  
Busca alívio e busca em vão !  
Vai o padre—a impia gralha  
Sua última migalha  
Pede... arranca-lhe sem dó,  
Pra c' o o obolo roubado  
Encher o cofre deurado  
De Roma, do papa só !

Em quanto as tristes viúvas  
Sofram da sorte o rigor  
E expostos ao sol e as chuvas  
Os orphãos gemem de dor...  
Em quanto os povos—preciosos  
Pedem aos céos nos seus gritos  
De luz torrentes caudias,  
O ouro da christandade  
Se derrote sem piedade  
Nas ceias dos cardenais !

Ah ! como o Christo, que veio  
Remir o mundo algemado,  
Da sua corte no seio  
Ha de sentir-se insultado !  
Como lagrimas sentidas  
Bevem correr mal contidas  
Nas sacras faces de Deus,  
Quando vê os seus eleitos  
Desprezando os seus preceitos,  
Mudados em phariseus !

Mas não ! Jesus o previa !  
Da humanidade no estadio  
Inda ergue a masonaria  
Da caridade o palladio !  
Em torno d'esse estandarte  
Se agrupa de toda parte  
Quem necessita de luz !  
A luta mais vulta toma:  
Os padres contam com Roma  
Mas nós contamos com a cruz !

Pedir em nome de Christo  
P'ra soccorrer o infeliz  
E' ser christão: pois é isto  
Que a lei de Deus sempre diz;  
Seguir o catholicismo  
Não éter o fanatismo  
Por norte, por sul e leste;  
Mas, sim seguir a virtude  
Banir o vício que illude,  
Ter irmãos em cada grei.

Como a cruz, abrir os braços  
Ser Abel e não Caim;  
Apertar nos mesmos laços  
Brancos e negros, enfim !  
Dar voo as livres ideias,  
Da razão quebrar as peias,  
Curvar a fronte a Deus só !  
Cobrir a nudez, que chora,

Natara fome, que implora,  
E as pobres erguer do pó !  
Eis porque sempre é sublime  
A festa da caridade !  
Negar-lhe o obolo é crime  
Que envergonha a humanidade !  
Quem estende a mão amiga  
De porta em porta mendiga  
Para os pobres consolar  
Abre às virtudes o peito  
Cumprê de Christo o preceito,  
Faz do theatre—um altar !

(Ext.)

CARNAIRO VIEIRA.

## A PEDIDO.

**Voto de gratidão ao Exm. Sr. J. J. F. de Aguiar pela beneficia administração que tem feito n'esta província.**

Satan soltae um sorriso,  
Gargalhae oh corrupção.  
Banqueleae despotismo.  
Ride vós devassidão;  
Que a cabeça encaneida  
Do presidente homicida  
Medita crimes, horror !  
E o sangue do inocente  
Vem salpicar inda quente  
Uma fronte sem pudor.

Dancea phantasma sinistro  
Soche as ossadas no pó;  
Enterre vosso punhal  
Mercador vil e sem dó;  
Que a turba rôta esfaimada  
Cade do palacio à calcada,  
Implora mas sempre em vão.  
E zombae das frontes frias,  
Nas vascas das agonias  
Ao povo negando o pão !

Correi spectro hediondo  
Vinde porte aqui tomar,  
Faltava vossa presença  
Pra o festim principiar  
Agora prostituição  
Vosso amigo, vosso irmão  
Vos dá ingresso, é a hora,  
Atira a virgem pura  
No lado, na desventura  
Em nome d'elle, qu'implora.

Principiou a orgia,  
Já impõer a bacchanal.  
O monstro, que a preside,  
E' rude velho immoral.  
Ela fez mil prostitutas,  
Fez de donzelas, corruptas;  
Fez a honra se render  
Entre os gemidos da fome;  
Fez com ossos o seu nome  
Lá nos bordais escrever.

E além tremendo de fome  
Em estreito abraço lá vão;  
E' a velhice sem amparo,  
A infancia sem proteção...

São esqueletos que caminham,  
São espíritos que se avisinhamb  
Do nosso termo fatal.  
E o monstro sempr' agoureiro  
Continúa a ser coveiro  
Sem deixar a saturnal.

Prosegue becando prantos,  
Assassinando sile vai.  
E no seu curso de hyena  
O povo de fome cahe.  
E no cadáver pizando  
Da vítima, que expirando  
O maldiz perante Deus;  
Ella solta uma risada  
Pausada, fria, gelada,  
Como o riso dos ateuus.

E a bacchanal continua.  
Entre o gemit de agonia  
Os esqueletos se cruzam,  
Pedem pão,—e reina a orgia !  
E o mercador sem remorsos  
Emprega todos esforços  
Para o povo assassinar !...  
E o resto, pobres, coitados,  
Ali vão ser expatriados,  
Vão morrer longe do lar.

Fortaleza — Janeiro de 78.

W. W. W.

## As compras do Sr. Aguiar.

S. Exc. o Sr. conselheiro Aguiar que, a custa de rasteiros e agentes empenhos obteve do ministerio Massel & C. a nomeação de presidente d'esta indóla província, recebeu os cofres públicos a enorme somma de 14.000.000 para transportar-se de Pernambuco á este porto, e, apezar d'isto, a sua passagem foi gratis como consta da relação dos passageiros do vapor em que veio S. Exc. e sua família, que se compõe de tres ou quatro pessoas.

As despesas que S. Exc. fez com o carreto, embarque e desembarque dos dez bahás, que formam o todo da sua bagagem, não podem exceder de 100.000, e, no entanto, os esbanjadores dos cofres públicos mandaram meter nas limpas mãos de S. Exc. a grossa somma de 14.000.000 !!!

Esta quantia, reunida ao ordenado de lente da academia e o de deputado geral, prefuz uma somma superior a trinta contos de réis que sahiram do tesouro nacional para as felizes algibeiras de S. Exc., que tem fome canina de dinheiro.

Não satisfeito com tanto dinheiro, S. Exc. (dizem os civilicos) deu ordem para serem comprados nas praças de Pernambuco, Bahia e Rio,—farinha, milho, feijão, arroz, carne, alfafa e até burros cegos e coxos, dando assim um lucro enorme a certos Colegues, aos quais (ainda são os civilos que dizem) clandestina e previamente associou-se S. Exc. I

Os lucros á dividir pelos felizes associados são incalculaveis.

Os generos aqui chegados não correspondem, as suas qualidades, aos altos preços por que foram comprados.

Os burros são affrontados, cegos, coxos e de cascos lascados;

A farinha é de pessima qualidade, e cerca de 2,000 saccas estão completamente podres;

A carne é em geral má, e as 10,000 arrobas vindas da Bahia pelo vapor *S. Salvador*, voio a granel, é velha e tem má cheiro, e, além d'isto, molhou-se no desembarque, ficando por conseguinte em estado imprestável;

O bacalhão está em tal estado que, nas ruas onde se fazem os pagamentos aos retirantes, já não ha quem suporte o mau cheiro que ali fica, devido a pessima qualidade do genero.

Em fim, tudo é má, tudo falta no pezo e nas qualidades, tudo está rasgado, tudo está quebrado—nada presta; mas o tesouro pagará todas as contas que tiverem o—conforme—de S. Exc. !

Vem a propósito pedirmos ao Sr. Dr. Moreira, inspector da snude publica, que vá aos armazens de deposito do governo e examine o estado dos viveres que ali estão guardados para serem distribuidos com os infelizes retirantes. S. S. não occupa esse cargo sómente para receber o ordenado, e, por isto, cumpra o seu dever mandando pôr no mar, na distancia de dez leguas, os viveres podres que enchem os armazens da praia.

O povo succumbe nos centos por semana, e a causa de tantas mortes está, incontestavelmente, na pouca e má alimentação que o governo manda distribuir.

S. Exc., o Sr. conselheiro Aguiar, incomodado com o pezo das justas accusações que, servindo de echo aos homens de bem, lhe tem feito o *Retirante*, tem garantido com sua palavra fraudulenta aos poucos *cupachos* que lhe cercam, que nada tem com esses burros que vem do sul, os quais são mandados pelo governo geral, sem que elle os tenha pedido.

S. Exc. não sabe o que faz, nem tem coherencia no que diz!

Poucos dias depois de ter chegado S. Exc. á esta província, declarou a diversas pessoas que tinha encommendado para o sul todos os viveres necessarios, os quais viriam em vapores que tinham de voltar d'aqui cheios de retirantes.

S. Exc. esqueceu-se d'isto muito depressa, e agora affirma aos seus thuriférios, que não encommendou viveres para o sul, e que nada tem com esses esbanjamentos.

Isto é muito cynismo...

Felismente os cearenses já se felicitam pela sahida de S. Exc. que, para vergonha do seu grande partido, veio polluir a cadeira presidencial d'esta província.

Os ventos lhe sajam contrarios e o mar enfurecido.

Um palaciano.

#### Caduquice do Sr. Aguiar.

Nos ultimos dias da semana passada, vimos o Sr. Aguiar sahir do seu pardieiro e dirigir-se á uma venda da praça d'Assemblea. Causando-nos isto alguma espe-

cie, tratamos de seguir ás pegadas do velho presidente que, segundo parece, está sofrendo de caduquice, molestia muito comum aos da sua idade.

Na venda em que entrou, comprou o velho lente de direito criminal—oito velas de carnaúba de 20 réis cada uma, algumas bolachas e recebeu em moedas de 10 réis o resto de uma nota de 10000 que deu para trocar.

A nossa curiosidade cada vez aguçava-se mais, e perguntavamos a nós mesmo:—S. Exc. não terá criados? Será possível que elle venha a uma venda comprar velas de carnaúba e bolachas? Consumir-se-hão por ventura aquellas velas e aquellas bolachas de tão má qualidade no palacio de um conselheiro que recebeu de presente 14:000 dos cofres publicos ? !

Depois de um rasgado cumprimento ao bodegueiro, sahiu o nobre conselheiro da venda e dirigiu-se ás arvores da praça d'Assemblea, sob as quais dormiam algumas familias de infelizes retirantes, que tem por tecto o céu e por leito o solo.

Em chegando ao pé d'essa pobre gente, S. Exc. as acordava e entregava ao chefe da familia—uma vela, uma bolacha e um dez réis !

Recebido o *gordo* presente, ficava a pobre familia admirada por não saber o que significava aquille, que ella supunha ser alguma feiticaria...

Quando S. Exc. andava n'esse piedosa distribuição, aproxima-se d'elle um medico, que não o conhecemos, e pergunta-lhe em voz gotoral e pouco intelligivel :—V. Exc. anda visitando os infernos? precisa dos meus serviços medicos? estou a vossa disposição.

—« Oh ! Sr. Dr.; ando distribuindo algumas esmolas com estes infelizes retirantes, e já que V. S. veio surprehender-me n'este agradável trabalho, tenha paciencia, vamos acolá ver uma *protégida* minha, a quem desejo salvar das garras da morte. Hontem ella estava com muita diarréa; prometti-lhe mandar alguns remedios, mas os meus grandes affazeres não me deram lugar á que a minha promessa tivesse execução: vamos lá, Dr. »

S. Exc. poe-se á caminho levando em sua companhia o referido medico, e nós, curiosos de ver a sua *protégida*, seguimos os passos dos dois personagens que, atravessando a praça da Sé, entraram na escola do professor R. Visira, na esquina da rua do quartel, onde se acham *armazenados* algumas centenas de infelizes retirantes.

A *protégida* de S. Exc., que devia estar ahi, já tinha jurado bandeira no grande batalhão dos parisiás que foram condenados por Deus á fazerem guarda eterna dentro das muralhas do cemiterio.

Tinha morrido!...

E, quando os paes d'essa infeliz creaçā disseram a S. Exc. que, por falta de recurso, a menina tinha sido amontalhada em um sacco que teve farinha, o velho conselheiro desatarrachou os olhos e derramou lagrimas em abundancia.

Quanta vocação para o palco...

Chegando S. Exc. em palacio, onde já o esperavam com impaciencia, achou uma

mesa que era um verdadeiro mosaico. Prezuntos, bolos de todas as qualidades, vinhos, licores etc. formavam o ladrilho dessa mesa, que tinha de ser devorada por meia duzia de Tabocas, Picys, Bitús e Verumeiros.

Em palacio alguem fazia annos...

Alguns musicos do 15 batalhão foram chamados á sala, ouviram-se valsas e quadrilhas por elles tocadas; gambias de homens, pernas de senhoras pozerao-se em movimento, ora avançando, ora recuando, as vezes rodando...

Dançava-se em palacio!

S. Exc. já se não lembrava das lagrimas que em abundancia havia derramado meia hora antes de começar—o *chinfrin* palaciano.

Os aristocratas são assim; só receiam a peste que os não respeita.

Que bondoso coração tem o Sr. Aguiar!

Felizmente, a qualquer instante, estamos lhe dando—bôa noite.

*A alma do finado Virâes.*

#### Ao governo.

Desgraçada, mil vezes desgraçada, é a sorte dos infelizes retirantes!

Não sendo bastante o terrível flagello da secca, estamos aqui sem garantias de vida.

Não é somente de fome que se morre n'esta infeliz povoação, é tambem de bala e chumbo pelas mãos dos sicarios !

Doze a quatorze pessoas já foram aqui vitimas do bacamarte homicida, e algumas d'ellas, quem sabe, enterradas ainda vivas, para não descobrir-se o autor ou autores d'esses assassinatos !

Dois cadáveres d'aquelles desgraçados já foram encontrados; um no cercado do Sr. José Cunha, e outro no do Sr. Raymundo Francisco.

Os facinoras passem impunes e zombando da acção da justiça, que é, ou faz-se cega para elles.

Para garantir nossa vida pedimos o auxilio do governo.

Já que estamos condemnados á morrer de fome, é justo que, ao menos, estes ultimos momentos que nos restam de existencia sejam garantidos pelo governo de S. M. o Imperador.

Povoação das Areias, em Mossoró, 4 de Dezembro de 1877.

*Os retirantes.* (2)

#### Medida proveitosa.

Lembra o velho Garapa, que o governo botou os padres do seminario na cocheira do Amanal, que está desocupada; o Bispo no collegio das santas irmãs de caridade que tem grandes comodos, e d'esta forma ter-se-ha tecto para muita gente desvalida que está debaixo dos ca-jueiros.

Em complemento á tão proveitosa lembrança, aconselhamos ao Sr. Aguiar que deixe o seu palacio, que pôde abrigar grande numero de infelizes, e vá aboletar-se no hotel do mestre Antonio, ou na casa onde se acham residindo os engenheiros vindos ultimamente de Pernambuco.

*O Moç-tinindá.*